

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 2 - NÚMERO 2 - JANEIRO A JUNHO DE 2005

[início](#)

## ASSIS FÉRES: UN POETA TEOLOGO

Opázia Chain Feres

UFF

RESUMO – O objetivo deste trabalho é analisar o poema “O Mascate”, do poeta Assis Féres (um belo-horizontino, descendente de imigrantes libaneses), enfatizando sua abordagem de questões metafísicas e espirituais e mostrando suas afinidades com o pensamento da teologia cristã.

Num arraial de natureza ingente,  
De gélios climas, nem sequer seu nome  
Vale dizer, mas fica ao médio Oriente,  
Alí nasceu aquela humana planta  
(*O Mascate*, II, 310-313)

Il poema *O Mascate*, di Assis Féres, poeta brasiliano nato a *Belo Horizonte, Minas Gerais*<sup>1</sup> 11 agosto 1912 e figlio di immigrati libanesi, prende le mosse dall’immigrazione – soprattutto araba – che ebbe luogo tra la fine dell’Ottocento e i primi anni del Novecento.

Mentre racconta le gesta della generazione che intraprende questo (nuovo) viaggio dall’Oriente verso l’Occidente, il Poema presenta l’eroe come un essere universale e l’universo come habitat 1 partecipe e sacro – un tempio dov’è incisa la vera storia dell’umanità.

Pellegrino tra mondi sterminati, sotterranei o astrali<sup>2</sup>, il poeta riscatta la memoria insita nelle pietre e negli astri, dando voce al silenzio e immagini all’invisibile.

Attraverso il “sotterrismo”, una specie di archeologia delle profondità fisiche e spirituali, l’autore desta nelle coscienze le addormentate civiltà del passato e istruisce il lettore sull’esistenza di un *altro* idioma. Il mistero dell’isola di Pascoa, per esempio, di ‘quegli occhi che guardano il cielo’<sup>3</sup> è uno dei tantissimi segni dell’eternità che ha guidato la fattura del poema.

Per secondare la storia e la metastoria – se non di tutta l’umanità per lo meno di quel lignaggio rintracciato dall’opera – bisogna andare all’origine del mondo. Nel Libano <sup>4</sup> si può “toccare” questa origine e cogliere le manifestazioni degli elementi presenti nel suo suolo <sup>5</sup>.

I protagonisti del Poema, che vennero dall’Oriente e qui formarono nuclei derivati, non erano estranei agli uomini incontrati nel Nuovo Mondo. La storia registra l’antica Mesopotamia come centro dal quale partirono delle correnti migratorie <sup>6</sup> che si sparsero sulla terra e registra la presenza araba islamica (civiltà erede di quelle mesopotamiche) nel Portogallo e nella Spagna e quindi nell’America Latina. Così Giorgio Rauco, l’eroe martire e santo del poema, libanese di nascita, può chiamare *fratello*, a giusto termine, l’amico brasiliano Sergio Gomes Martins. Inoltre: si insinua l’appartenenza comune a un lignaggio – forse – sovranaturale. Infatti, lo chiama “fratello, tra questi venti”. Dice Giorgio Rauco ai creditori del suo amico Sergio:

(...) O dono do presente sitio,  
Faz parte dêste convívio;  
Pelo muito do bem, - feito,  
No passado de seus dias,  
(E em beneficio de quantos!)  
– Apelo ao sentir de todos  
A seus entes, ao extremo leito,  
E em seus nomes, não me esquivo  
De falar, por uns momentos,  
Com o fito de perdoarmos  
A dívida a um benevolente,  
Do nosso irmão, a êstes ventos;  
(*O Mascate*, II, 2331-2342)

La memoria dell’invisibile dà dimensione cosmica all’avventura umana: anche gli *indios* delle nostre selve appartengono a questo lignaggio:

A cepa do índio é nossa,  
Gênese de outra natura.  
E esperamos que alguém possa  
Inteirar a outros do assunto,  
Do cosmos de outra escritura  
(*O Mascate*, I, 1680-1684)

Così un popolo – o una persona – diventa l’espressione concreta di una tradizione che viene da lontano. Tradizione il cui più alto patrimonio è la religione:

Existem beatos... Ateus? ...  
Denegrindo o patrimônio  
Da mais límpida sapiência:  
Fazem da crença – balcão,  
Fazem do templo – albufeira;  
(*O Mascate*, II, 2780-2784)

Chi nega la fede tradisce l’origine del mondo, tradisce la terra dove dormono gli antenati <sup>7</sup>, distrugge le possibilità dell’avvenire.

Ma il poeta spera in Dio, e prega:

Perdão, meu Deus, para quem primeiro,  
No delírio de negras fantasias,  
Manchou de nódoa seu passado inteiro,  
Blasfemando talvez todos os dias  
Foi tão longe no mal, tendo do mundo  
Feito um alcoice atroz, – profundo  
Um antro de irremediáveis agonias;  
(*O Mascate*, II, 322-328)

Prescelto dalla divinità, il poeta (come il suo protagonista) porta luce al buio della confusione.<sup>8</sup> Il suo ruolo rassomiglia a quello di Virgilio nei confronti del Dante ‘smarrito nella selva oscura’: aiutare l’uomo a liberarsi dall’attaccamento ai beni materiali:

Peregrino,  
Poeta! Eu tenho sido fiel ao meu destino,  
Subo o pilar das cousas sem notícias,  
Sem nunca vacilar;  
E luto, e grito e sigo, invencível,  
Mastigando as cadeias dêsses braços  
Das próprias almas atadas  
A raiz da terra;  
 (“Água Fresca do Vale”  
In: *O Mascate*, canto V-VI)

e a migliorare l’avvenire:

E um impulso nos leva ao ignoto,  
E volto de lá sobre um estame,  
Vejo e aquilato o remoto,  
Às medidas dêste leame,  
Onde a labuta do gênio,  
Do sono, um emblema, criou,  
Na esperança, sem carbono  
De melhorar o depois;  
(*O Mascate*, I, 2161-2168)

Giacché – con il contributo decisivo di una scienza fallace – la civiltà ha preso una strada sbagliata che la porta, veloce, verso la fine<sup>9</sup> bisogna andare indietro, onorare la tradizione degli antenati illustri, riconoscerla, riavvicinare la divinità<sup>10</sup>. Giorgio Rauco concentra una verità civile e – insieme – mistica; il suo essere (o la sua effigie) è capace di alleggerire le angosce umane<sup>11</sup> perché egli è portatore del profumo del Bene:

E o bem é igual a esse pomo  
Do bom fruto da mangueira,  
– De um anamolgável sabor;  
E o bom é o ser que possui  
Uma natureza ilustre,  
Que ainda que tais a esmaguem,  
Por um milagre do ignoto,  
Os perfuma, ainda mais.  
(*O Mascate*, IV, 1423-1430)

Questa “nuova pianta ermetica” – *O Mascate* – ricca della verità fantastica del poeta<sup>12</sup>, si propone, in questo frangente, come la pietra angolare di nuove possibilità<sup>13</sup>:

E, aquêlê teu ser prelúcido,  
Virá, um dia, não tarda,  
Daquela pauta do insone  
Cósmos de idéias que vivem

Independentes dos termos,  
Um prelo insigne virá,  
Dos nossos actos, um dia,  
Trago a teu solo fecundo,  
A gesta sem par nêste mundo,  
Onde quem plantando pedras,  
Até ouro colherá.  
(*O Mascate*, I, 1658-1668)

## NOTE

1 “Cada vida na senda silenciosa / Da construção geral, / Será, por certo, imensa e luminosa: / Passa da terra / Para um mundo astral / Da crença imorredoura.” (*O Mascate*, II, 396-401). Si veda quanto Platone dice dell’anima e degli astri nel suo *Timeo*.

2 “Só acredito no que apalpo // Às sombras e a êstes finitos” (*O Mascate*, II, 1300-1302). Si veda l’importanza dell’esperienza anche nella *Divina Commedia*.

3 Dopo aver elencato una serie di indizi di civiltà perdute, il Poeta conclude: “(...) Há um idioma – a partir / Desde esta Matakiterani;” e spiega il significato dell’ultima parola: “Matakiterani: Olhos que fitam o céu: – o antigo nome da Ilha de Pascoa.”

4 “Há tantas coisas do extinto, / Em miniatura, a escrever; / O melhor é vê-las, e suponho: / Transmiti-las – é dar, a todos, / Esta certeza inquirida / Sobre a cinzel da Natura, / Para um roteiro invariável / Do mundo, em seu início, a absorver.” (*O Mascate*, II, 557-564).

5 “E quão acidentada, al almoghreb / De uma abertura atroada / Por milhões de cataclismos! / Entremos, por ela, adentro, / De um indescritível sialismo. / E os leitos, e peça à indução? / Seus quadros varam o absorto / De um outro fisiografismo” (*O Mascate*, II, 1005-1012)

6 Una lunga nota – dell’autore stesso – al verso nº 184 del canto II di *O Mascate* dice: “Nos primeiros tempos do homem sobre a terra, o mundo todo era apenas uma só geografia (...). A Mesopotâmia virá a ser o tronco da corrente de numerosos povos (...) vinha com os seus limites geográficos, desde as Montanhas de Anadol, onde nascem o Eufrates e o Tigre, até o Nilo (...)”. I versi 1718-1735 del Canto I trattano dello stesso argomento.

7 Il poeta ha coniato una parola per dire “terra dove dormono gli antenati”: *hipnogeu*. (*O Mascate*, II, 688).

8 “Ó flor d’alma, flor do mundo, / Flor da esperança e poesia, / Diz-me, ó flor da tristeza, / Essa palavra que encerra: / – ‘Martir’ – ; (...) / ‘Isso – é uma força

divina, / Sôbre a terra, ela ela destina / Seus *instrutos* – os mais puros, / Aos lugares mais impuros, / Para limpar-lhes o estorvo (...) – ‘E eu – por isso – estou aqui’ –” (*O Mascate*, II, 39-67).

9 “Onde êsses meios que geram / aquêlé senso preclaro? / Como voltar do desvio / Rumos que nos conduziam / À senda de nobres sonhos? / Invéz de carne – veremos / Desertos caldos – sem nada? / E aquêlé néctar à destra / Dos super-vinhos que temos? // Trigo empedrado, de cacos, / Invés de carne – veremos / (...) / Se prosseguirmos dest’arte, / Chegaremos a amolgar, / Do ciclo desta avarícia, / Pó cinzento e milho branco; // (...) // (...) // E quem trabalha? – É ajangador; / Quem sabe de suas vestes? / – São pagas de quota em quota, / E hipotecadas após; / (...) // (...) Quem dará àquêlé Mártir / Notícias do nosso estado? / Quem a nossa vida lhe explique / E os nossos atos problemas, / Para instaurar sobre a terra, / Em seu regresso previsto, // O dia do acerto de contas, / Dos feitos de cada um / Dos que nos geram êstes ventos, / Que fazem com que a ciência / Desabe o nosso planeta? / (...) // (...) No sítio destas criaturas, / Será que o senso do homem / Vencerá o espectro da fome / Que ronda o nosso planeta?” (*O Mascate*, I, 1084-1148).

10 “Devemos, as potestades, / Se estão no tempo abstractas, / De nossa fé levantar: / Aproximar das deidades / De um exemplo a edificar, / Em benefício dos povos / – Levantar, ao humano, um templo... / E, lá dentro, – um sêr imortal.” (*O Mascate*, I, 1057-1064).

11 *Madre* de estados vindouros, / chegarás àquele mapa / Sulcado às névoas do empenho, / Onde as angústias da terra, / Serão levadas ao templo / Daquela efigie do Sul;” (*O Mascate*, I, 1615-1620).

12 Per quanto riguarda la verità fantastica e la memoria, cf. VICO, Giambattista. *Princìpi di Scienza Nuova*, capoverso 211: “Ne’ fanciulli è vigorosissima la memoria; quindi vivida all’eccesso la fantasia, ch’altro non è che memoria o dilatata o composta.” Intendiamo dire che *verità* e *fantasia* non sono termini necessariamente contraddittori.

13 Confrontare il punto di vista del nostro autore e quello di Platone sarà, senz’altro, proficuo. Cf. REALE, Giovanni. “Nota 80”. In: PLATONE. *Timeo*. Milano, Bompiani, 2000, p. 283: “Si veda quanto Platone dice nel grande mito del Politico in cui il Demiurgo riprende ciclicamente il governo diretto del mondo, per salvarlo dal ciclico distacco dal divino, e dal conseguente pericolo di distruzione.”

## RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI

Oss.: Tutte le citazioni del poema *O Mascate*, di Assis Féres, seguono l'edizione del seguente lavoro: *Recuperação de uma obra: O Mascate , poema de Assis Féres* . Tese de doutorado de Opázia Chain Feres. Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH – USP, 2000. (Non si cambia la grafia dei testi originali di *O Mascate*).

VICO, Giambattista. *Princìpi di Scienza Nuova*. Milano, Mondadori, 1992.

PLATONE. *Timeo*. Intr., trad., note, apparati e appendice iconografica di Giovanni Reale. Milano, Bompiani Testi a Fronte, 2000.